

A PROCURA DE SENTIDO: SISTEMAS DE DECISÃO, NA LITERATURA E NA INFORMÁTICA DE GESTÃO

António Palma dos Reis e Maria Filipa Palma dos Reis

O dito de que “Letras são tretas” aponta para o contraste entre as Letras e outros saberes alegadamente mais substanciais: os saberes das Ciências, tanto quanto possível, Exactas, e das Tecnologias, uns e outros conotados com objectividade (*versus* a subjectividade das Letras) e, em maior ou menor grau, uns e outros dirigidos à utilidade e à aplicabilidade prática.

A designação de Letras abrange conceptualmente um elenco de saberes *grosso modo* sobreponível ao das chamadas Humanidades, e cristaliza de modo particularmente incisivo na Literatura.

Na impossibilidade de se gizar uma tentativa de diálogo que colocasse em contraste comparativo, de um lado, a Literatura, do outro, todas as Ciências tendencialmente exactas e objectivas, tornou-se necessário seleccionar um saber específico, que no entanto se pudesse assumir como emblemático de todos aqueles que, ao contrário das Letras, não são tidos como tretas, por serem inquestionavelmente consequentes no mundo concreto, material. Sendo que a motivação do lucro material é premente na sociedade em que vivemos, em que cada vez mais a cultura tende a ser modulada pela economia de mercado, e em que, por sua vez, a economia de mercado é cada vez mais gerida pelas tecnologias da informação, seleccionámos, assim, para esta experiência transdisciplinar, a Informática de Gestão e, dentro dela, o campo disciplinar dos Sistemas de Informação/Decisão, já que, tratando-se de um campo de conhecimento directamente utilizável no fornecimento de modelos, supostamente assentes em dados objectivos, que permitem tomar, em cada caso, com o máximo possível de segurança, as decisões com importe mais favorável nos negócios a que se referem, o seu entrosamento com o objectivo da riqueza material é inegável. O diálogo

que agora se enceta desenvolver-se-á, portanto, a partir do escrutínio comparativo entre, de um lado, a Literatura, do outro, os Sistemas de Decisão em Informática de Gestão. Entre campos de conhecimento aparentemente tão díspares urge clarificar conceitos operativos básicos, pela explicitação de alguns pressupostos, a saber:

- 1) Todas as Ciências, Humanas ou Exactas, visam, de acordo com o enquadramento filosófico em que escolhamos integrar-nos, ou extrair do real concreto a ordem lógica que lhe subjaz, ou construir essa ordem, e imprimi-la ao real concreto.
- 2) Dispensamo-nos de definir, de modo extenso, Literatura e Literariedade dos textos; é incomportável fazê-lo no âmbito deste trabalho, a não ser por exclusão de partes: o texto literário será, para efeitos deste estudo, aquele texto que se constitui como o seu próprio objectivo: o texto cuja existência não se destina a servir qualquer Ciência ou propósito, portanto, o texto criado em liberdade.
- 3) Por Ciência, entenderemos qualquer modelo ou matriz de aquisição de conhecimento, desenvolvida e estabelecida ao longo dos tempos (incluindo a Literatura). Não faremos uma distinção estanque entre as Ciências Humanas e as Ciências Exactas, antes as entendendo como arrumando-se em pontos diferentes, ao longo de um eixo virtual, em que se organiza uma gradação crescente, de modelos menos estruturados de aquisição de conhecimento (correspondentes às Ciências que costumamos chamar Humanas) para modelos mais estruturados de aquisição de conhecimento (correspondentes às Ciências que costumamos chamar Exactas). Ao longo desse eixo virtual, a Literatura autoriza a classificação como Ciência, correspondendo ao modelo menos estruturado de aquisição de conhecimento sobre o mundo, enquanto a Informática de Gestão corresponde a um modelo de aquisição de conhecimento comparativamente mais estruturado, portanto, muito mais próximo das Ciências ditas Exactas.

Ao nível aparente, o fluxo da realidade apresenta-se como caótico, desordenado, confuso. O trabalho em todas as Ciências é um exercício de procura de sentido (quer esse sentido se entenda como detectado e extraído da realidade, quer se entenda como fabricado e inscrito nessa realidade pelas metodologias das próprias

Ciências). A vocação para detectar ou construir sentidos é inerente aos seres humanos: é uma necessidade permanente, sobre a qual toda a evolução humana tem assentado.

O objectivo deste trabalho é, portanto, comparar, sumariamente, duas Ciências, e as metodologias que lhe são próprias. As questões fulcrais que colocamos são:

- Que semelhanças e dissemelhanças há entre as estratégias a que se recorre na procura de sentido em Literatura, e as estratégias a que se recorre no seu equivalente, em Informática de Gestão?
- O que é que a Informática de Gestão, com as metodologias que lhe são próprias, consegue fazer pelos seres humanos, que a Literatura não faz?
E vice-versa:
- O que é que a Literatura, com as metodologias que lhe são próprias, faz pelos seres humanos, que a Informática de Gestão, tal como se apresenta, não poderá fazer?

Para dar resposta a estas questões, propomos ater-nos a uma linha metodológica: vamos colocar-nos perante um texto literário, e as metodologias de abordagem que consideremos adequadas para pôr a descoberto o seu sentido; vamos colocar-nos perante o problema de Gestão, por excelência (a necessidade de interpretar situações e de tomar decisões em matéria de negócios), e as suas metodologias de abordagem possíveis; vamos procurar as linhas de continuidade e as diferenças que evidenciam o valor específico de cada um desses diferentes modelos de aquisição de conhecimento.

O texto literário que teremos em foco é o romance *Saudade*, de Katherine Vaz, e a análise incidirá sobre um conjunto de excertos do primeiro capítulo (em Anexo). Escolhemos esta obra pela sua qualidade transcultural; é um romance de uma autora de ascendência portuguesa, radicado no imaginário português, mas escrito originalmente em inglês, nos Estados Unidos, e, depois, traduzido para português, por outrem. Trata-se, portanto, de um texto literário que efectuou um percurso semelhante ao dos condicionalismos económicos do Ocidente; também ele teve a sua origem na Europa, se formou nos Estados Unidos, e foi depois devolvido à Europa. Afigurou-se-nos que, enquanto objecto literário, teria em comum com o objecto de análise da Informática de Gestão o facto de se inscrever no mesmo processo globalizante, típico da cultura que nos rodeia.

A primeira distinção que urge fazer, ao estabelecer a relação entre Literatura e Ciências, tomando como termos a equacionar, por um lado, os excertos de *Saudade*, de Katherine Vaz, por outro, os Sistemas de Decisão em Informática de Gestão, é a diferente dose de distância a que cada um destes modelos de abordagem se encontra do objecto primeiro – considerando como objecto primeiro o mundo concreto, quer tomado em geral, quer tomado nas suas instâncias particulares. Enquanto que a problematização feita pela Informática de Gestão visa obter informação no mundo concreto e solucionar problemas que no mundo concreto se colocam, a Literatura surge como objecto interposto: se, por um lado, a Literatura, ainda que elevada a objecto estético de valor autónomo, é, também, uma matriz de aquisição de conhecimento sobre o mundo, uma forma de, do mundo, extrair, ou, no mundo, inscrever, significados – e, nesse aspecto, é, ela própria, uma Ciência, por outro lado, dada a qualidade pouco estruturada desta forma de procurar sentido, os significados pela Literatura detectados ou construídos no mundo, para poderem ser nomeados, tornados objectivos, e partilhados pela comunidade, exigem o recurso a outras Ciências: as Ciências literárias, as várias teorias e metodologias críticas. Se, no caso da Informática de Gestão, estamos perante uma Ciência, um modelo de aquisição de conhecimento, com os seus modos próprios de retirar significado do mundo, ou construir no mundo esse significado, no caso da Literatura temos de recuar, e recorrer à crítica literária, como Ciência que extrai o significado da Literatura, Literatura que, por sua vez, além da qualidade autónoma que tem, é, ela própria, também uma Ciência, na medida em que também ela própria constitui um modelo – pouco estruturado, mas estabelecido ao longo de séculos – de detectar sentido no mundo ou, no mundo, construir significado.

Na sociedade global, cada vez mais fortemente gerida pela economia de mercado, a primeira desvantagem da Literatura é óbvia. Ela pode ser auto-suficiente, em termos da fruição que proporciona ao leitor comum, mas essa fruição pessoal e colectiva não é normalmente passada a letra de forma, para que sobre ela se possam gizar conclusões; ela é assumidamente auto-suficiente enquanto objecto estético que se oferece à nossa contemplação. Mas tem o óbice de não ser auto-suficiente como modelo de aquisição de conhecimento, porque depende de outras Ciências (as teorias críticas), para, sequer, conseguir dizer, de modo ordenado, sistemático, quais os significados que do mundo retira, ou no mundo constrói. Um outro *handicap* prende-se com a falta de funcionalidade prática imediata do sentido procurado, ou encontrado pela, e na, Literatura.

Tendo detectado a diferença profunda que existe entre os dois termos de comparação que nos propusemos equacionar: por um lado, a Informática de Gestão, com incidência particular nos Sistemas de Decisão, por outro, a Literatura, com incidência em alguns excertos do primeiro capítulo de *Saudade*, de Katherine Vaz, compete particularizar a metodologia da abordagem que faremos a estes dois objectos de estudo, que, à partida, se revelam heterogéneos.

Importante será notar que a Teoria e Crítica Literária, enquanto Ciência que identifica, ou constrói, o significado na Literatura, que, por sua vez, o identificou, ou construiu no mundo, não é de natureza una, mas múltipla, sendo que, sobretudo durante o século XX, se assistiu à proliferação de uma variedade de correntes críticas. Dado que a realidade, por si, não dá respostas totais, antes se limita, em cada caso, a responder á forma específica como a questionamos, é imperativo que, ao fazermos a procura de sentido no texto de Katherine Vaz, ao nos sondarmos sobre que “Sistemas de Decisão” pomos em marcha na nossa abordagem ao texto, tomemos em conta, pelo menos, algumas formas específicas de o questionar: ou seja, tomemos em conta diferentes grelhas de detecção de sentido, típicas de diferentes correntes críticas, que ao texto são contemporâneas, ou de outro modo lhe são adequadas.

A necessidade de estabelecer algum território comum com a outra Ciência que temos em foco, os Sistemas de Decisão no âmbito da Informática de Gestão, que se regem pela lógica e por um sistema de diferenças, far-nos-ia sujeitar o texto a uma análise de natureza semiótica, ou narratológica, uma análise que pusesse a descoberto a gramática profunda da narrativa, a sua inteligibilidade ou lógica interna, tal como a escalpelizaram fontes diversas, como o Groupe d’Entrevèrnes, Roland Barthes, Greimas e uma variedade de outros autores.

Por outro lado, não pode ser ignorado o facto de ser este um texto de autoria feminina, e pós-colonial, em que o imaginário ancestral português é reposto por uma voz já americana, e instilado na língua inglesa, por excelência a língua da cultura global; texto com que a respectiva autora contribui para o grande movimento de renovação profunda do centro do cânone literário ocidental, a partir das suas margens – processo que se tem intensificado desde a Segunda Grande Guerra. Assim sendo, não é legítimo subtrair ao escrutínio que se fizer ao texto, a óptica da crítica chamada pós-colonial, ou pós-moderna, e da crítica feminista.

Cumpre ainda fazer uma ressalva sobre o *corpus*.

O *corpus* que se constitui como objecto de análise é formado por vários excertos, justapostos uns aos outros, e todos eles versando sobre um *leitmotiv* poderoso na obra, a “Sopa das Mágoas”. O *leitmotiv* “Sopa das Mágoas” foi escolhido por reproduzir de modo metafórico a solidão e a insatisfação individual inerente à condição de diáspora, que é um veio de sentido constante que permeia toda a narrativa. Devemos convir que as supressões de texto que fizemos entre os excertos seleccionados e justapostos podem estar a “alisar” indevidamente irregularidades e dispersões presentes na obra, que ganhariam sentido a um outro nível de leitura. Defendemos, no entanto, a legitimidade desta prática, que mais não faz do que reproduzir, para efeitos de funcionalidade crítica, o mesmo processo a que os autores de ficção recorrem, na construção das suas narrativas. De facto, a relação da ficção com o mundo é sempre de sinédoque. Na sua vontade de dar ordem e cunho próprio à experiência (de lhe identificar ou construir um sentido) o autor toma partes pelo todo, selecciona alguns veios da experiência, faz por prendê-los na rede da linguagem, e justapõe-os entre si. O todo que resulta é superior à soma das suas partes: uma unidade que, pela sua orgânica artificialmente construída, faz afirmações implícitas que não decorrem tanto do cômputo total da experiência, como decorrem da cosmovisão particular do autor, ou da capacidade que a própria linguagem tem para gerar significado.

Dependendo de que partes da experiência são invocadas para dentro da ficção, assim é o sentido da totalidade da narrativa; paralelamente, dependendo de que partes do texto o crítico escolhe seleccionar e justapor, assim é o sentido global da sua análise, pela qual transmite a sua própria leitura da cosmovisão expressa na narrativa; ou seja, dos sentidos, ou do sentido último que na narrativa se põe a descoberto.

Assim, retomemos a questão básica: como é que tomamos decisões sobre o sentido de um texto – no caso presente, sobre o sentido do conjunto de excertos de *Saudade* de Katherine Vaz, cuja selecção e justaposição já é, ela própria, orquestradora de um sentido. Faça-se acrescer a este comentário a consideração da inevitabilidade deste *handicap* crítico: é que mesmo que não tivéssemos dado forma escrita a uma selecção e justaposição de excertos, ela existiria sempre, em virtualidade, sendo, como é, impossível a qualquer estudioso ou escola crítica conseguir abarcar a totalidade da obra em análise.

Os processos da procura de sentido nos textos que excedem a simples *Reader Competence* – ou competência do leitor para descodificar mensagens – acabam de ser brevemente descritos, na sua generalidade, e com enfoque especial sobre as

possibilidades e limitações da “ferramenta” profissional que temos à nossa disposição para proceder a essa procura – ou, dizendo de outra forma, sobre os sistemas de decisão sobre atribuição de sentido que, no campo literário, nos estão disponíveis. Mas particularizemos.

Dado que o Historicismo, como corrente crítica que prevaleceu até aos meados dos anos quarenta, em que deu origem ao *New Criticism*, se debruçava sobre o modo como as obras literárias veiculavam a cosmovisão do enquadramento em que surgiam e que, ainda que de forma muito breve, já fizemos referência, relativamente a Saudade, ao *leitmotiv* da “Sopa das Múgoas” como ressonância do enquadramento transcultural – de diáspora – em que a obra se inscreve, passaremos a deter-nos, ainda que de maneira apenas introdutória, sobre outro eixo crítico adequado à abordagem do texto: a análise narratológica, estrutural. Mas tracemos o paralelo com a outra Ciência e a outra temática que temos em foco: a Informática de Gestão, os Sistemas de Decisão:

No âmbito dos Sistemas de Decisão, considera-se que uma decisão envolve, pelo menos, dois caminhos alternativos, ainda que um deles possa ser não efectuar qualquer alteração ao curso da acção. Um Sistema de Decisão é um sistema informático que colabora no processo. Esta colaboração pode consistir na tomada de decisão ou limitar-se a um aconselhamento. Por exemplo, quando um condutor vê o semáforo verde passar a amarelo, pode optar por parar ou não a sua viatura. Caso opte por não parar poderá manter a velocidade ou alterá-la. Contudo, manter o curso de acção existente antes da alteração do estado da natureza – a cor verde do semáforo – é uma decisão com potenciais consequências a considerar.

Sendo que “Uma decisão envolve, pelo menos, dois caminhos alternativos”, encontramos que, de acordo com o Quadro 1, os Sistemas de Decisão, enquanto sistemas informáticos, estão organizados, estruturalmente, da mesma maneira que as narrativas. A narrativa pós-moderna tende a apresentar escolhas múltiplas; a narrativa convencionalmente realista tende a desenvolver-se em sistema binário, sendo que cada escolha invalida a sua alternativa e faz surgir a escolha seguinte; exemplo: Sujeito X nasce, ou não nasce; se nasce, sobrevive, ou não sobrevive; se sobrevive, casa, ou não casa, etc.

No âmbito da Gestão, considera-se que as actividades e as decisões se podem classificar ao longo da Pirâmide de Anthony como Estratégicas, Táticas ou Operacionais. Consoante o nível da actividade ou decisão, esta tenderá a apresentar as características enumeradas no quadro seguinte:

A PRODUÇÃO DO SENTIDO NOS SISTEMAS DE DECISÃO NA GERENCIAMENTO DE INFORMAÇÃO E DE RECURSOS

Quadro 1

CARACTERÍSTICAS DAS ACTIVIDADES
(KEEN E SCOTT MORTON, 1978)

	Actividades Estratégicas	Actividades Operacionais
Fontes de Informação	Externas	Internas
Precisão da Informação	Estimativas	Elevada
Detalhe da Infomação	Sumariada	Informação Detalhada
Tempo	Longo Prazo	Imediato
Risco e Potencial	Elevado	Limitado
Benefício		

Nota: As características das actividades tácticas situam-se num ponto intermédio entre as das estratégicas e as das operacionais

O mesmo negócio passa por decisões de nível estratégico, tático e operacional, tal como a produção, ou criação da obra literária também envolve decisões e realizações a vários níveis. Em Gestão, as decisões de nível estratégico são as que definem o rumo geral do negócio ou da organização, enquanto as de nível tático seleccionam as ferramentas a utilizar para cumprir esse rumo. Por sua vez, as decisões de nível operacional são as que remetem para a execução das tarefas, utilizando as ferramentas definidas pelas decisões tácticas, no sentido de fazer materializar o rumo definido pelas decisões estratégicas. Se tomarmos o exemplo do negócio da distribuição (cadeias de hipermercados), a decisão de se se vai, ou não, abrir um hipermercado num determinado distrito é de natureza estratégica; em caso afirmativo, as decisões sobre a localização do terreno em que vai ser implantado, sobre os requisitos da construção e sobre os critérios de selecção dos futuros fornecedores são de natureza tática; o controle da execução da obra e as encomendas aos fornecedores já são actividades operacionais.

Vai, de facto, longe o paralelismo que se pode traçar com a Literatura e as Ciências Literárias. A partir do quadro acima, no âmbito da Informática de Gestão, foram definidos três níveis de actividades: estratégicas, tácticas e operacionais. Se nos

remetermos, por exemplo, a “Introduction to the Structural Analysis of Narratives”, em que Roland Barthes integra, desenvolve e harmoniza entre si a terminologia e os conceitos de outros críticos, como Vladimir Propp, Bremond, Todorov, A. J. Greimas e Benveniste, notaremos que se faz a distinção entre diferentes níveis de significado na narrativa, nomeadamente, um nível distribucional, ou distributivo, que se desenvolve horizontalmente, em que a função de cada elemento estabelece relação com o elemento que se lhe segue, e com o elemento que o antecede, e um nível integracional, ou integrativo, em que cada elemento alcança um grau mais profundo de sentido, ao fazer um trânsito vertical para outros níveis de significado dentro da narrativa.

Concretizemos, com recurso à análise do episódio dos excertos das páginas 10-11, de *Saudade*:

Durante a festa de despedida em sua honra, José Francisco Cruz desesperava por encontrar uma resposta à pergunta que o inquietava sobre o mar. No seu nervosismo, verificava tão amiúde o conteúdo do seu saco de marujo, que os convidados se meteram com ele. (VAZ 1999:10)

Outra contrariedade foi a chegada dos Dutras, e José Francisco teve de se conter para não desatar a correr para o lado oposto do jardim. Detestava festas, não tinha jeito nenhum para fazer conversa, sobretudo com os Dutras, tão aborrecidos que repetiam sempre as palavras das histórias que contavam vezes sem conta (“há há muito muito tempo tempo”), pois julgavam que os seus ouvidos embebiam uma parte das palavras e que por isso era necessário providenciar a outra parte aos ouvintes. Não haviam trazido nada, apenas as fotografias do casamento do filho. José Francisco pegou numa das maçãs de boa-sorte de Henrique e atirou-a ao ar, tentando parecer sereno, enquanto fazia sinal ao amigo para vir em seu socorro.

Mas era tarde demais.

– Então então! Desejoso desejoso de de partir partir? – perguntou com cordialidade o rotundo senhor Dutra, pronto para lhe dar uma palmada nas costas, não fosse José Francisco ter-se desviado, gesticulando agora mais desesperadamente para que Henrique viesse salvá-lo.

– É verdade – respondeu José Francisco, mas interrompeu-se, não sabendo se deveria responder aos Dutras com o mesmo tratamento verbal duplicado. – É verdade – acrescentou, por delicadeza.

– Conte conte lá lá – disse a senhora Dutra.

A torrente de palavras foi interrompida por Henrique . . . (VAZ 1999: 11)

Horizontalmente, à superfície do texto, o episódio citado proporciona-se à fruição do leitor, mas, a um nível distributivo, é de valor aleatório para a narrativa, uma vez que passa ao lado do eixo narrativo central, enformado pela permanente situação de diáspora de Clara, pela modificação da sua percepção, ao adaptar-se a novos códigos, pelo objectivo de Clara de recuperar as terras, no Novo Mundo, que lhe tinham sido roubadas pelo padre Teo Eiras, pela sua falência permanente no que respeita a alcançar esse objectivo, mas pelo seu sucesso, em alcançar vingança, sucesso que resulta noutra perda, a perda do filho. Resumidamente, o eixo narrativo central desenvolve-se à volta do ganho e da perda inerentes à situação de diáspora da protagonista, e assim, se estivéssemos no universo dos Sistemas de Decisão, no âmbito dos Sistemas de Informação, poderíamos chamar à inserção deste episódio no romance uma “actividade estratégica”, tratando-se de um episódio que não parece ter um impacto imediato, à superfície do texto, mas, lido verticalmente, contribui de modo marcante para o sentido total da narrativa. De facto, o episódio é alegórico da escolha “terra”, ou “mar”, por outras palavras, “sedentarismo”, ou “diáspora”, e nele encontramos a personagem José Francisco Cruz (significativamente, o pai de Clara), em vias de deixar a terra e de se fazer ao mar, neste caso, com destino à pesca do bacalhau. Se duvidássemos da correspondência de significação entre este episódio, que, à superfície do texto se refere à pesca do bacalhau, e o sentido total da obra, respeitante à diáspora, à ida para a América, ficaríamos esclarecidos mais adiante, no passo em que o narrador explicita: “Aventuravam-se cada vez mais longe em busca da colheita, lavrando através de filas e hectares de bacalhau” (p. 15). A estratégia metonímica, pela qual se muda a pesca para o contexto agrícola, leva-nos directamente a estabelecer a relação desta viagem com a viagem dos emigrantes portugueses à procura de trabalho e de prosperidade no Novo Mundo. O mar (ou situação de diáspora) surge aqui explicitamente equacionado com mistério e ameaça, pela referência a uma “pergunta que o inquietava sobre o mar”. Por outro lado, a reacção de José Francisco Cruz à presença dos Dutras funciona como alegoria da sua recusa da opção pela terra (ou pelo sedentarismo). Para José Francisco Cruz, a chegada dos Dutras é uma “contrariedade”; o facto de serem, nas palavras do narrador, “aborrecidos” e o aspecto caricatural de repetirem sempre as suas próprias palavras é conotativo da rotina e do tédio que a opção pela “terra”, ou pelo sedentarismo envolve para a personagem, em vias de partir. Por outro lado, para uma festa em que os outros tinham contribuído com iguarias, os Dutras “Não haviam trazido nada, apenas as fotografias do casamento do filho”. Será fácil conotar este elemento com a pobreza, ou mesquinhez, ligada à

opção pela terra de origem, quando comparada como Novo Mundo; por outro lado, podemos conotá-lo também com a mais valia afectiva, concretizada na proximidade entre pais e filhos, que a opção pela terra de origem comporta. Significativamente, é dado o nome de Henrique, evocativo do Infante D. Henrique, à personagem secundária que vem evitar que José Francisco Cruz continue a ser monopolizado pela conversa dos Dutras (alegoricamente, continue a ser aliciado em direcção à terra e à rotina, ao ponto de, “por delicadeza”, começar a repetir também as suas próprias palavras). É por intervenção de Henrique que José Francisco Cruz é recuperado para a opção pela diáspora, que, de facto, facilmente se lê como sendo a que lhe é própria, ou não tivesse ele, perante os Dutras, tido vontade de “desatar a correr para o lado oposto do jardim”, e “feito sinal ao amigo (diga-se, Henrique) para vir em seu socorro, tendo mesmo chegado a ser-nos apresentado “gesticulando desesperadamente para que Henrique viesse salvá-lo”. Ao pegar “numa das maçãs de boa-sorte de Henrique” e atirá-la “ao ar”, José Francisco Cruz já tinha, simbolicamente, optado pelo seu destino de errância marítima.

Em Narratologia, este episódio remete para o nível de significação chamado integracional, ou integrativo; no universo dos Sistemas de Decisão, no âmbito dos Sistemas de Informação, chamar-lhe-íamos uma actividade de natureza estratégica, dado o facto de não se lhe identificar um impacto imediato, mas funcionar, como investimento, para a leitura que fazemos do sentido total da obra. O paralelismo mantém-se, quando consideramos cada um dos elementos constituintes do episódio em questão, a que atribuímos valor conotativo ou simbólico. Roland Barthes, na obra que dele citámos, distingue entre dois tipos de unidades, *funções* e *índices*. *Grosso modo*, as unidades de valor funcional fazem progredir a acção da narrativa, enquanto as unidades de valor indicial contextualizam a acção, e funcionam, frequentemente, como legitimadoras da credibilidade do narrado. Neste sentido, há pequenas “funções” que, de facto, são de valor indicial, não sendo importantes pela acção a que se referem, mas pelo investimento que representam na verosimilhança. Tal é o caso, no excerto citado, da passagem que nos informa que José Francisco Cruz “verificava tão amiúde o conteúdo do seu saco de marujo, que os convidados se meteram com ele” – elemento que, no universo dos Sistemas de Decisão, poderia constituir uma actividade táctica.

As actividades operacionais, têm, em Literatura, correspondência mais visível em narrativas lineares, frequentemente destinadas a consumo pelo grande público, e, portanto, centradas na acção, na construção do *Plot*. Um olhar sobre o Quadro 1

sugere que mesmo os parâmetros de avaliação comparativa, entre as características das actividades Estratégicas e das actividades Operacionais, no âmbito dos Sistemas de Decisão, transitam com facilidade para o domínio da Literatura, quando cotejamos narrativas mais ricas em elementos de valor indicial, (simbólico-metafórico) com narrativas mais centradas no *Plot*, mais ricas em elementos de valor funcional. Se quisermos comparar o tratamento dado por Katherine Vaz à condição permanentemente dividida do ser humano em diáspora, através da recorrência metafórica da temática “Sopa das Mágoas” com o tratamento narrativo, por exemplo, de um argumento de uma aventura de James Bond, concluiremos que a narrativa de Katherine Vaz, tal como as Actividades Estratégicas (em que é rica) é **menos estruturada**. Em contrapartida, é mais **elevada**, em termos de **complexidade**, já que constantemente chama a si **fontes de informação externas**, ao remeter, de modo metafórico, para termos de comparação que estão fora da narrativa (Exemplo: Henrique é o nome do Infante ligado aos Descobrimentos, e esta informação externa é relevante na descodificação). A **informação** objectiva providenciada será, eventualmente, mais **sumária** e **menos precisa**, do que a que se encontra num argumento de um filme de James Bond, dado o facto de este último viver mais dos significados de natureza objectiva, encontrados no nível de superfície do texto, enquanto que o texto de Vaz suscita uma procura de sentido que excede o nível de superfície, e corta verticalmente, para níveis de maior profundidade, em matéria de significação. No que respeita ao parâmetro “**Tempo**”, é compreensível que a descodificação da narrativa de Vaz (rica em “Actividades Estratégicas”) seja uma tarefa de mais **longo prazo**, comparada com a descodificação de um argumento de uma aventura de James Bond, focada na acção (rica em Actividades Operacionais) – portanto, uma narrativa cujos significados, de natureza imediata e objectiva, se identificam facilmente no nível de superfície do texto. O **potencial** de significação da narrativa de Vaz é, assim, muito mais **elevado**, do que o potencial de significação de um argumento “James Bond”; se, no entanto, fosse possível fazer transitar a procura de sentido do texto de Katherine Vaz para o domínio da Gestão, e houvesse riscos financeiros envolvidos, a interpretação do texto de Vaz seria, comparativamente, de **alto risco**; poderia, mesmo, resultar ruínosa, dado que a quantidade de significados pouco estáveis que mobiliza lhe aumenta grandemente a margem de erro.

Ao recorrermos a terminologia da Informática de Gestão para fazer análise literária, encetámos um diálogo entre estas duas Ciências, que pôs a descoberto as linhas de continuidade, as semelhanças entre uma e a outra. Marquemos também

uma diferença importante que desse diálogo decorre: ao contrário do que acontece em *Gestão*, em *Análise Literária* o erro de interpretação não costuma ser punido com perda financeira. Esta diferença é fulcral, e tem implicações que não poderemos, por ora, explorar.

Mas atenhamo-nos aos restantes excertos seleccionados, do primeiro capítulo de *Saudade* e vejamos como se prestam a ser olhados pelas grelhas de detecção de sentido de outras escolas críticas. Dado que, tendo já em foco as metodologias de duas Ciências, não quisemos acrescentar complexidade ao trabalho, pondo também em foco duas línguas – e assim optámos por usar a tradução de *Saudade* em português – não tentaremos proceder a uma abordagem orientada pela crítica pós-colonial, ou “internacional”, uma vez que a qualidade internacional do texto é encoberta pela tradução para português, que faz desaparecer o contraste entre o imaginário subjacente ao conteúdo, e a forma em que é expresso. Assim, passemos a gizar algumas orientações do que seria uma leitura feminista da obra, a partir dos excertos apresentados.

Nos anos setenta e oitenta do século XX (nomeadamente com Luce Irigaray) ganha relevo uma variante de crítica feminista que relaciona o masculino com a abstracção, a tendência para a conceptualização, pelas quais se tenta impor uma ordem mental ao feminino, que, por sua vez, é equacionado com a matéria, de natureza indeterminada e caótica. A correlação que se estabelece é de Homem com Razão, e de Mulher com Natureza. Esta abordagem lê o sistema patriarcal como resultado da elevação da mente masculina acima do corpo feminino, com a consequente apropriação, por parte do Homem, do sistema reprodutor da Mulher – apropriação que se considera o fundamento da sociedade patriarcal. No entanto, a mesma linha de abordagem crítica reconhece que a matéria, ou Natureza, inerente ao feminino, excede sempre qualquer tentativa de ordenação conceptual por parte do Homem, e, partindo desse princípio, preconiza estratégias para subverter o poder masculino instituído na escrita. Dessas estratégias fazem parte a recusa do pensamento focado em objectos pré-definidos e a adopção de um estilo indeterminado, táctil, evitado de contaminações que coloquem a ênfase sobre o contacto, em vez de sobre a diferenciação. Com esta abordagem cruza-se o Feminismo francês, que também influenciou a crítica literária feminista inglesa e americana, e que analisa a tradição patriarcal da escrita, no sentido de nela identificar as vulnerabilidades e os receios masculinos. Uma leitura dos excertos coligidos feita segundo os parâmetros que brevemente acabámos de descrever levar-nos-ia a destacar, no texto, no que respeita à personagem José Francisco Cruz, um movimento oscilatório entre o receio de se

sentir vulnerável, e a recusa de se admitir como vulnerável. Depois da inquietação que o leva a perguntar a Henrique o que é a “Sopa das Mágoas”, pergunta para que não obtém resposta, José Francisco é mostrado a tentar minimizar o receio que a sua pergunta inadvertidamente mostrou: “Era só por curiosidade – disse José Francisco, voltando para a festa, antes que alguém desse pela sua falta.” (p. 12). Significativamente, é a mulher, Conceição, que tenta aliciá-lo para a admissão da sua fragilidade, que ele continua a recusar: “Nessa noite, ao vê-lo junto à janela, Conceição saiu da cama e pôs-lhe ternamente a mão no braço. / – É normal sentir um pouco de medo – disse. / – Não é isso – disse ele ...” (p. 13). Por outro lado, estão bem patentes as tentativas da personagem José Francisco de dominar o Desconhecido que se lhe apresenta na forma da “Sopa das Mágoas” impondo-lhe uma conceptualização lógica que, dentro desta abordagem, é considerada essencialmente masculina: “Conceição ... já ouviste falar da Sopa das Mágoas? De que é feita? Ninguém me sabe explicar... se eu soubesse o que era, então ... então já saberia com o que contar, não achas?” (p. 13). A resposta de Conceição, tocada da indeterminação considerada típica do feminino – “Lembro-me de o meu avô falar uma vez da Sopa das Mágoas. Disse que era diferente para cada pessoa” (p. 13) – não contenta José Francisco, que persiste na tentativa, considerada tipicamente masculina, de exercer controle sobre o mistério impondo-lhe a sua ordem lógica: “Quería saber exactamente por que razão toda a gente temia aquela sopa, ou por que é que um marinheiro devia preocupar-se com uma sopa cujo encanto o fazia regressar ao mar ... Por uma questão de segurança decidi ... que a bordo só comeria carne seca e algum grão ...” (p. 15). José Francisco propõe-se também evitar “tudo o que pudesse ser um canto de sereia” (p. 16), e com este propósito, em que reverbera o medo mítico, masculino, da perda de controle, passamos a equacionar a “Sopa das Mágoas”, o Mar, com o feminino, a que a personagem tenta resistir. Correlacionados com o pólo masculino, temos a terra e a ordem lógica, o conhecido; correlacionados com o pólo feminino, temos o Mar, o caos, o desconhecido – ou a incerteza da diáspora. O desenvolvimento da temática da “Sopa das Mágoas” mostra-nos José Francisco perdido no mar, esforçando-se por preservar a sua identidade: “na segunda noite sentiu-se desamparado e gritou o seu nome, esperando gravá-lo em grandes letras no céu” (p. 15); mostra-o a invocar o feminino, “o vermelho do seu nascimento”, alternando ainda na sua corrente de consciência a resistência ao domínio do feminino: “ao queixar-se constantemente de males menores, a mãe encurtara os dias até os transformar em pequenas bolas vermelhas Ai, ai, ai. Um AI também presente nos jacintos, mas dito pelas mães tornava-se fastidioso” (p. 15); mostra-nos a sua

rendição ao feminino, à indeterminação do futuro, como tábua de salvação: “Sonhos cor-de-rosa ... / Desejo-te sonhos cor-de-rosa / Repousa sob a sombra desta luz doce / As nossas lanternas cor-de-rosa guiar-te-ão até à manhã” (p. 17); Por fim, mostra-o a comer, inadvertidamente, a “Sopa das Mágoas”, na forma de “algumas espinhas de bacalhau e um galho que por ali flutuava” (p. 17), e a aperceber-se de a ter comido: “Para mim eram apenas espinhas, uma verdura, o nevoeiro e o mar, mas, sem o saber, fiz a Sopa das Mágoas” (p. 18). O desfecho narrativo da temática da “Sopa das Mágoas” vem validar a correlação estabelecida entre este *leitmotiv*, o mar e o universo feminino: “Estava enamorado do mar. E o sabor era o mesmo de Conceição” (p. 18).

Mas ainda outras abordagens críticas são pertinentes. Os excertos coligidos apresentam-nos o Sujeito José Francisco Cruz na demanda do Objecto de Valor a que podemos chamar “o conhecimento do significado de ‘Sopa das Mágoas’”. Prestam-se a uma possibilidade de análise semiótica, que se iniciaria pela apreciação da própria Semiótica, enquanto “ferramenta” crítica. A crítica semiótica, que colocamos algures entre o Estruturalismo e o Desconstrucionismo, visa pôr a descoberto os mecanismos pelos quais o texto diz aquilo que diz. Inspirada nas noções de Narratologia de Greimas, a Semiótica não nos elucida tanto assim quanto ao sentido do texto, mas mais quanto à “arquitectura” desse sentido, ao modo como ele é gerado pela relação dinâmica que se estabelece entre os vários elementos significantes que no texto existem. Também os Sistemas de Decisão, no âmbito dos Sistemas de Informação, partilham da mesma natureza de “arquitectura”, de estrutura que se faz pré-existir, de *competence* com que se tenta abarcar toda a variedade de *performances*, ou desempenhos possíveis. A Semiótica incide, assim, sobre a “narratividade” do texto, ou seja, sobre o fenómeno da sucessão de estados e de transformações inscrito no discurso e responsável pela produção de sentido, à semelhança do que acontece com os Sistemas de Decisão, pelos quais, partindo de uma estrutura pré-determinada, de modelos e regras de decisão, se tenta prever o encaminhamento mais acertado, considerando as características de cada situação de decisão, em particular.

Uma introdução à abordagem semiótica dos excertos das páginas 12, 13, 15, 17 e 18 de *Saudade* confrontar-nos-ia com um PN, ou Programa Narrativo inicial em que encontramos um Sujeito “José Francisco Cruz” em estado de conjunção com o Objecto de Valor 1 “terra/segurança” e de disjunção do Objecto de Valor 2 “mar/insegurança/‘conhecimento da Sopa das Mágoas’”, programa narrativo que, no fim dos excertos coligidos, por efeito de uma transformação, termina no seu inverso:

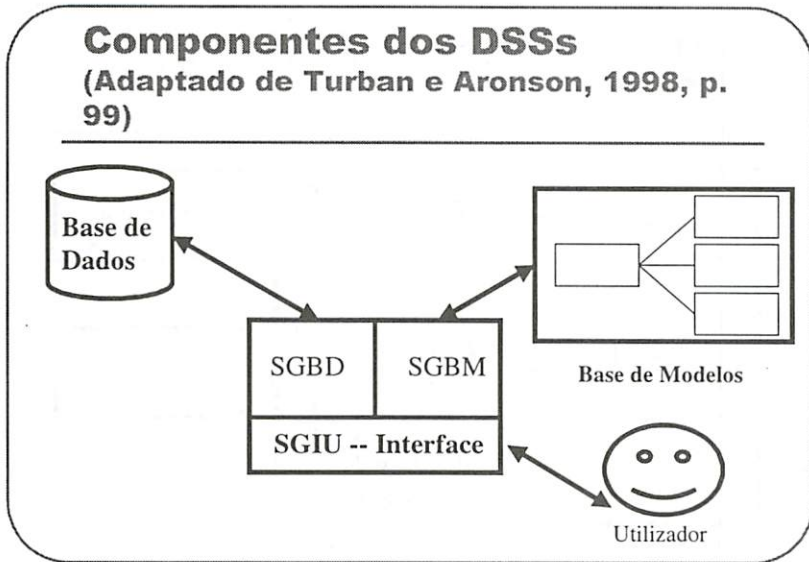
O Sujeito “José Francisco Cruz” conjunto com o Objecto de Valor “Mar / insegurança / conhecimento da ‘Sopa das Mágoas’ “é disjunto do Objecto de Valor “terra / segurança”. O prosseguimento da análise levar-nos-ia a reconhecer este PN como paralelo, mas subalterno ao PN principal, em que a protagonista Clara, enquanto Sujeito, ao longo das muito mais de duas centenas de páginas da obra, efectua o mesmo percurso. Seria possível proceder a uma hierarquização de Programas Narrativos principais e secundários, adjuvantes e oponentes, até tornar visível, em abstracção, todo o esqueleto lógico desta ficção de Katherine Vaz, em todas as suas subtilezas. Uma tal prática, se fosse olhada do ponto de vista da Informática de Gestão, assemelhar-se-ia ao engendramento de um Sistema de Suporte à Decisão que tivesse de contemplar um número quase infindável de variáveis, situação habitualmente associada a “Actividades pouco ou nada estruturadas”.

A comparação assim estabelecida põe em foco a diferença que existe entre os objectos de análise das duas Ciências. A liberdade em que o texto literário é criado, o facto de não servir qualquer propósito estranho a si mesmo, leva, no enquadramento contemporâneo, a uma pulverização da estrutura e à desmultiplicação do conteúdo; mesmo em enquadramentos mais tradicionais, sempre levou a que cada obra acabasse por transbordar do Género em que tinha sido escrita. É, assim, natural que o texto literário convide abordagens múltiplas, já que nenhuma abordagem dá conta da totalidade que nele se contém.

Paralelamente, a crescente complexidade das decisões a tomar também tem levado a Informática de Gestão a evoluir para Sistemas de Suporte à Decisão capazes de lidar com situações menos estruturadas.

Nestes sistemas, o utilizador interage com o Sistema de Gestão do Interface do Utilizador (SGIU) comunicando ao sistema as características da situação de decisão para a qual pretende aconselhamento. Considerando essas características, o SGIU selecciona os modelos de decisão disponíveis aplicáveis à situação de decisão em causa e recomenda-os ao utilizador. O utilizador selecciona os modelos de decisão de que pretende obter recomendações para a decisão a tomar, o que leva o Sistema de Gestão da Base de Modelos (SGBM) a accionar os modelos seleccionados. Os modelos seleccionados, ao serem accionados, procuram na base de dados os dados que lhes possam ser úteis para especificar a recomendação a prescrever.

Quadro 2

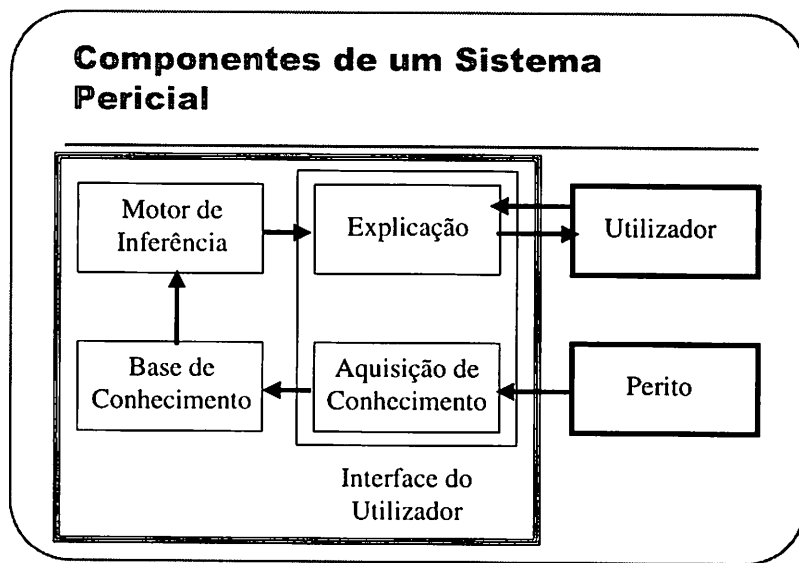


Estes sistemas são aplicáveis a decisões semi-estruturadas porque dispõem de um conjunto de modelos para aconselhamento do decisor que podem representar as várias perspectivas de análise da situação de decisão em questão e permitem ao decisor considerar a recomendação dos vários modelos na sua decisão.

Enquanto os Sistemas de Suporte à Decisão se destinam a decisões semi-estruturadas, considerando as várias abordagens possíveis através da multiplicidade de modelos, os Sistemas Periciais são sistemas informáticos especificados para tomar decisões em domínios complexos com o nível dos peritos (DILLARD e YUTHAS 2001: 337).

Estes sistemas obtêm o conhecimento através de peritos que “ensinam” o sistema. O conhecimento obtido fica armazenado na Base de Conhecimento para que quando o utilizador colocar uma questão que careça do referido conhecimento o Motor de Inferência encontre e accione o conhecimento aplicável para proporcionar a melhor resposta ao utilizador.

Quadro 3



Os Sistemas Periciais agem como uma réplica do perito seguindo o conhecimento que este transmitiu ao sistema. Assim, aplicam as regras ou o conhecimento a cada situação de decisão tomando a decisão que estes prescrevem, o que torna os Sistemas Periciais aplicáveis a decisões estruturadas para as quais dispomos de conhecimento para a construção do sistema.

Enquanto os Sistemas Periciais foram construídos replicando o processo de decisão dos humanos, as Redes de Neurónios, em Informática de Gestão, foram construídas replicando a arquitetura do cérebro humano. Assim, podemos comparar os componentes e algumas características das redes de neurónios biológicas que equipam o cérebro humano com os seus equivalentes nas redes de neurónios artificiais (ver Quadro 4).

Se transpusermos estes dados para o âmbito da descodificação do texto literário, reparamos que, no limite, as duas Ciências se encontram, na vontade de encontrar grelhas de detecção de significado cada vez mais sensíveis, portanto, cada vez mais competentes para lidarem com realidades (textuais ou do mundo concreto) crescentemente complexas e diferenciadas entre si.

A PROCURA DO SENTIDO NOS SISTEMAS DE DECISÃO, NA UTILIZAÇÃO DA INFORMÁTICA DE GESTÃO

Comparação entre Redes Biológicas e Redes Artificiais

• Biológicas

- Célula
- Dendrite
- Néfrite
- Sinapse
- Velocidade lenta
- Muitos neurónios
- Operações complexas por neurónio



• Artificiais

- Nó
- Input
- Output
- Peso
- Velocidade rápida
- Poucos nós
- Operações simples por nó



CONCLUSÕES

As metodologias que se põem em prática na Literatura e na Informática de Gestão têm um grande número de pontos de contacto. Provavelmente, num caso e noutro (e possivelmente no caso de todas as Ciências), as metodologias não podem deixar de repercutir a estrutura e o modo de funcionamento do cérebro humano.

As principais diferenças não parecem estar nas Ciências em causa, e nos seus métodos da análise, mas nos objectos que são alvo de análise.

Retomemos a questão inicial, e perguntemo-nos o que é que cada um destes modelos de aquisição de conhecimento – a Literatura e a Informática de Gestão – faz pelos seres humanos, que o outro modelo não seja capaz de fazer.

Os Sistemas de Decisão contribuem para a solução de problemas práticos, colaborando no processo de tomada de decisão, ajudando o decisor, ou mesmo substituindo-se ao decisor; pode-se recorrer a eles quando a decisão deve ser tomada

com base em critérios objectivos, ou, pelo menos, com base em critérios que não sejam, de todo, subjectivos.

Pode dizer-se que o domínio da Literatura começa onde o domínio dos Sistemas de Decisão, de base informática, acabam. A Literatura fica aquém da capacidade de resolver problemas práticos, e, ao mesmo tempo, excede essa capacidade, ao tomar por objecto o ser humano total: as análises literárias desmultiplicam-se, na tentativa de dar conta dessa totalidade. A descodificação do texto literário funciona mais próxima da rede de neurónios biológica, e recorda a todo o passo o lado redutor de qualquer tentativa de estruturação; não abdica, portanto, da noção da complexidade em que a vida humana se inscreve. Por outro lado, há memória de que as Ciências Exactas tenham também desde sempre procurado aproximar-se desta complexidade. Segundo Homero, na *Ilíada*, “Hephaestus tem robôs dourados com a aparência de senhoras vivas, com inteligência nos seus corações, com fala, e com força proveniente dos deuses imortais que lhes ensinaram como realizar tarefas”. Esta descrição dos “robôs” de Hephaestus apresenta um conceito muito aproximado aos robôs e à inteligência artificial do presente.

Com esta apresentação se encerra o Ciclo de Conferências “Diálogos entre a Literatura e as Ciências”. Voltemos, assim, sobre os próprios passos, até à provocação inicial: Será que Letras são tretas?

A Literatura não dá solução a problemas práticos, mas faz o levantamento das inumeráveis dimensões presentes nos seres humanos; olhada com atenção, pode até ser que contribua para que os gestores tenham melhor consciência de problemas merecedores de atenção. O que retiramos deste exercício, é que talvez haja vantagens em tornar mais flexível, e compartimentada de modo menos tradicional, a formação académica. Gestores com conhecimento de Literatura poderão ter capacidade para equacionar critérios de atribuição de valor informados por um conhecimento mais abalizado da complexidade do seres humanos e daquilo que, de facto, vai ao encontro dos seus anseios; assim como especialistas de Literatura suficientemente inclinados para o diálogo lógico com as outras Ciências poderão vir a ser uma mais valia, no sentido de se possibilitar um progresso conjunto e harmonioso, em todas as direcções. Dos indicadores que temos, podemos concluir que as Ciências, chamadas Humanas e chamadas Exactas, divergem nos seus objectivos, mais do que nos seus métodos; mas, sobretudo, convergem na sua finalidade última: a procura da felicidade.

ANEXO

Extractos de *Saudade*, de Katherine Vaz

Tema: “Sopa das Mágoas”

Durante a festa de despedida em sua honra, José Francisco Cruz desesperava por encontrar uma resposta à pergunta que o inquietava sobre o mar. No seu nervosismo, verificava tão amiúde o conteúdo do seu saco de marujo, que os convidados se meteram com ele. (p. 10)

Outra contrariedade foi a chegada dos Dutras, e José Francisco teve de se conter para não desatar a correr para o lado oposto do jardim. Detestava festas, não tinha jeito nenhum para fazer conversa, sobretudo com os Dutras, tão aborrecidos que repetiam sempre as palavras das histórias que contavam vezes sem conta (“há há muito muito tempo tempo”), pois julgavam que os seus ouvidos embebiam uma parte das palavras e que por isso era necessário providenciar a outra parte aos ouvintes. Não haviam trazido nada, apenas as fotografias do casamento do filho. José Francisco pegou numa das maçãs de boa-sorte de Henrique e atirou-a ao ar, tentando parecer sereno, enquanto fazia sinal ao amigo para vir em seu socorro.

Mas era tarde demais.

– Então então! Desejoso desejoso de de partir partir? – perguntou com cordialidade o rotundo senhor Dutra, pronto para lhe dar uma palmada nas costas, não fosse José Francisco ter-se desviado, gesticulando agora mais desesperadamente para que Henrique viesse salvá-lo.

– É verdade – respondeu José Francisco, mas interrompeu-se, não sabendo se deveria responder aos Dutras com o mesmo tratamento verbal duplicado. – É verdade – acrescentou, por delicadeza.

– Conte conte lá lá – disse a senhora Dutra.

A torrente de palavras foi interrompida por Henrique ... (p. 11)

– Calma aí, Henrique ... Explica-me uma coisa ... Disseram-me que quem vai para o mar deve cuidar-se para não comer a Sopa das Mágoas. Tens ideia do que isso seja?

Henrique bateu na frente com os dedos do tamanho de trutas, como fazia sempre que tentava recordar-se de algo.

– Ouvi dizer que só se sabe depois de a termos provado, e então é demasiado tarde. É uma das coisas que a torna amarga – disse ele, encolhendo os ombros ...

– Era só por curiosidade – disse José Francisco, voltando para a festa antes que alguém

desse pela sua falta. (p. 12)

Nessa noite, ao vê-lo junto à janela, Conceição saiu da cama e pôs-lhe ternamente a mão no braço.

– É normal sentir um pouco de medo – disse.

– Não é isso – disse ele, e depois, baixando a voz: – Conceição ... já ouviste falar da Sopa das Mágoas? De que é feita? Ninguém me sabe explicar... Se eu soubesse o que era, então ... então já saberia com o que contar, não achas?

Conceição pensou por um momento, encostada ao parapeito da janela, junto dele. Enquanto ambos olhavam para o exterior, a lua parecia pintar chapéus brancos no cimo das árvores.

– Lembro-me de o meu avô falar uma vez da Sopa das Mágoas. Disse que era diferente para cada pessoa.

– Mas o que é que acontece? Como sei que estou a prová-la?

– Acho que ele disse que o seu gosto fica para sempre em nós. Que acabamos por andar sempre à procura dela, impelidos pela necessidade de voltarmos a prová-la. Se um poeta a provar enquanto está a escrever versos, fica condenado a escrevê-los até morrer. E se os marinheiros a provarem enquanto estão no mar, devem regressar constantemente ao mar. É tudo de que me lembro – sorriu ela. – Se encontrares essa sopa, não bebas muita.

– Para quem, como eu, gosta de andar no mar, não me parece assim tão mau – murmurou José Francisco, beijando-a na testa para esconder a sua confusão. (p. 13)

Queria saber exactamente por que razão toda a gente temia aquela sopa, ou por que é que um marinheiro devia preocupar-se com uma sopa cujo encanto o fazia regressar ao mar, mas estava farto de enigmas. Por uma questão de segurança, decidiu, contudo, que a bordo só comeria carne seca e talvez algum grão, e que evitaria tudo o que pudesse ser um canto de sereia. ...

José Francisco encontrava-se a pescar sozinho num dóri nas águas geladas à volta dos Grandes Bancos, tal como os outros homens, só voltando ao anoitecer para a embarcação principal. Aventuravam-se cada vez mais longe em busca da colheita, lavrando através de filas e hectares de bacalhau. Uma manhã perdeu-se no nevoeiro, mas foi suficientemente esperto para não se pôr a remar ao acaso. A embarcação principal saberia ler as correntes e encontrá-lo-ia. Não havia motivo para entrar em pânico. Instalou-se no fundo do barco e, para não enjoar, mantinha os olhos fixos onde o horizonte quebrava ocasionalmente aquela impenetrável cortina; comia bacalhau cru e quando tinha sede torcia o boné de lã para beber a humidade. Quando urinava, tentava acertar nos peixes. Estava frio, mas a temperatura não era desagradável. A noite chegou tão maravilhosa como uma gruta que se escancarasse diante de um rapazinho,

mas na segunda noite sentiu-se desamparado e gritou o seu nome, esperando gravá-lo em grandes letras no céu. Em vez disso, a sua voz fundiu-se com os gemidos dos marinheiros mortos – todos eles inseparáveis dos ventos ... As rajadas rasgaram-lhe o nome, que se perdeu no redemoínio das últimas palavras dos mortos. Quando o salvariam? Nunca mais regressaria a casa! Será que os peixes o abandonariam, deixando-o para ali até morrer de fome? Chegaria ao extremo de ter de poupar a última espinha dorsal de um deles para esquartejar a sua própria carne para se alimentar, Até que – meio-louco agora, transformado num homem de músculos de látex – a solidão o forçasse a meter a mão através das barras da prisão das suas costelas para apertar o coração e pôr fim à sua miséria? (pp.15-16)

Tinha de substituir aquelas ideias de carnificina por recordações vivas, vermelhas – sinais vermelhos emitidos pela sua cabeça como se chamasse o navio: o vermelho do seu nascimento. A radiância vermelha da infância – ao queixar-se constantemente de males menores, a mãe encurtara os dias até os transformar em pequenas bolas vermelhas. Ai, ai ai. Um AI também presente nos jacintos, mas dito pelas mães tornava-se fastidioso. Levou-lhe rosas, mas esqueceu-se de ver se não tinham insectos. Disse. “Não grites, mãezinha. As joaninhas dão sorte!” (p. 16)

Alçou os olhos para o céu, para ver o que o ar acima derramava sobre si. As estrelas brancas absorveram os seus pensamentos vermelhos e tomaram a cor do desejo nocturno açoriano:

Sonhos cor-de-rosa.

Sonhos cor-de-rosa. Desejo-te sonhos cor-de-rosa.

Repousa sob a sombra desta luz doce.

As nossas lanternas cor-de-rosa guiar-te-ão até à manhã.

Adormeceu profundamente como um bebé num berço protegido pelo vermelho que espalhara como um lençol na noite e pelo brilhante cor-de-rosa que o aconchegava enquanto as ondas o embalavam.

O céu luzia como pálidas opalas quando acordou naquela serenidade absoluta de quem cai no terror e continua a ser engolido por ele até sair do outro lado. Preparou a melhor celebração possível espremendo a humidade do boné para uma pequena lata de alumínio e temperando-a com algumas espinhas de bacalhau e um galho que por ali flutuava, legume já de si devidamente salgado. Um autêntico banquete. Meteu uma tira da camisa entre os lábios e soprou-a como se fosse uma harmónica de pano, deitado na sua concha, enquanto o ritmo das ondas acompanhava o ritmo do seu coração.

De repente sentou-se, sobressaltado ... (p. 17)

José Francisco cobre o rosto com as mãos e começa a chorar.

– Para mim eram apenas espinhas, uma verdura, o nevoeiro e o mar, mas, sem o saber, fiz a Sopa das Mágoas.

Estava enamorado do mar.

E o sabor era o mesmo de Conceição. (p. 18)

OBRAS REFERENCIADAS

GRUPE D'ENTREVERNES. (1979): *Analyse Sémiotique des Textes: Introduction – Théorie – Pratique*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.

RYAN, Michael. (1999): *Literary Theory: A Practical Introduction*. Oxford: Blackwell.

VAZ, Katherine. (1999): *Saudade*. Trad. Alberto Gomes. Porto: Asa.